

# ARTE EM DIÁLOGO

CRIAÇÃO, PRODUÇÃO, PROCESSO...



Flavio-  
Shiró



Museu Nacional de Belas Artes  
MNBA

**Arte em Diálogo:  
Criação, Produção, Processo...**

Flavio-Shiró

Setembro de 2008

Arte em Diálogo

Edição N. 6

Organização/Coordenação:

Andrea Pedreira

Claudia M. Ribeiro (assistente)

Seção de Educação:

Rossano Antenuzzi de Almeida

José Rodrigues Neto

Transcrição das palestras:

Juliana Fernandes de Araújo e Dandara Renault Macedo

Projeto gráfico:

Egeu Laus

Diagramação e arte-final:

Lula Perez

Fotos da palestra:

José Rodrigues Neto

Áudio e Vídeo:

Jorgival Freire e Sérgio Alcântara

Imagem da capa:

"Interior de ateliê" de Rafael Frederico

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro de Estado da Cultura

Juca Ferreira

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Luiz Fernando de Almeida

Diretor do Departamento de Museus e Centros Culturais

José do Nascimento Júnior

Diretora do Museu Nacional de Belas Artes

Monica Figueiredo Braunschweiger Xexéo

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca/MEDIATECA "Araújo Porto Alegre" do

M986 MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, Rio de Janeiro. Arte em Diálogo:

Criação, produção, processo... Apres. Monica F. Braunschweiger Xexéo. Org. Andréa Pedreira. Rio de Janeiro: 2008. v. 6, 28 p., il. p/b.

ISBN: 978-85-7081-050-2

Palestra e debate com o artista Flavio-Shiró em setembro de 2008.

## Arte em Diálogo

Arte em Diálogo é um projeto desenvolvido para discutir a produção contemporânea brasileira, suas interfaces e linguagens. Tem como objetivo apresentar ao público, através de debates e palestras, o artista, a sua produção e seu fazer artístico. Analisar o acervo pertencente ao Museu Nacional de Belas Artes/IPHAN/MinC que, encontra-se em exposição na Galeria de Arte Moderna e Contemporânea.

Nos últimos anos, o Museu Nacional de Belas Artes/IPHAN/MinC vem buscando a construção de um inventário da nossa produção contemporânea, sem esquecer, no entanto, a sua responsabilidade no cenário das artes visuais brasileira e de sua preciosa coleção de obras de século anteriores. Este legado permite o desenvolvimento com maturidade de sua missão institucional. Cria conexões entre o passado e o presente, projetando para o futuro a memória de uma nação e a preservação da cultura brasileira.

O sexto número da publicação – Arte em Diálogo – é dedicado ao artista Flavio-Shiró – pintor, gravador, desenhista, cenógrafo e também fotógrafo. Muito além dos rótulos de artista nipo-brasileiro ou nipo-franco-brasileiro, Shiró nos fascina com sua obra que une o imaginário profundo com texturas ultra-delicadas sem esquecer a qualidade de sua pintura e a maestria com que domina os meios, dialogando com a arte do presente e do passado, com o informalismo e a nova figuração. Enfim uma oportunidade de conhecer um pouco do percurso de um dos principais nomes da arte abstrata brasileira.

Esta edição foi elaborada, a partir de ações institucionais, desenvolvidas com recursos do Plano de Ação 2008, do Ministério



Flavio-Shiró preparando tela em seu ateliê. Paris, 2008

## Diálogo com o artista

Monica Xexéo: É com imensa alegria, que estamos aqui reunidos para mais uma conferência do Projeto Arte em Diálogo. Como todos sabem o Projeto Arte em Diálogo iniciou-se no ano passado, em 2007, e pretende discutir, o processo de criação e suas interfaces, dos artistas contemporâneos brasileiros, presentes no acervo do Museu Nacional de Belas Artes. Temos hoje com grande alegria Flavio-Shiró, amigo da casa, um dos ícones da arte brasileira. Flavio é uma honra a sua presença.

Lembro que Flavio abriu, recentemente, uma exposição no Instituto Tomie Othake, em São Paulo.

Então todos conhecem qual é a dinâmica do Projeto Arte em Diálogo - o artista fala da sua obra, apresenta o seu processo de criação, a sua formação, e depois temos, uma parte de perguntas e respostas e, dessa

vez, excepcionalmente, não iremos à Galeria Moderna e Contemporânea. O Museu só possui uma obra de Flavio, doada por ele, nos anos oitenta, estamos conversando com o artista para viabilizar a doação de mais uma peça para o museu. Esclareço que a obra do MNBA foi cedida para a exposição em São Paulo, com curadoria de Paulo Herkenhoff. Flavio achou simpático criar um ambiente “tipo um ateliê”. Ele trouxe duas pinturas de pequeno porte – de sua autoria e propriedade - que são emblemáticas para ele. Brinda-nos, também, com uma musica composta por ele. E agradeço a todos, a oportunidade de estarmos aqui reunidos discutindo e aprendendo com um dos nossos mestres da arte brasileira. Muito obrigada.

Flavio-Shiró: Boa tarde. Como disse a Mônica, trouxe esses dois quadros para ilustrar o meu ateliê; só falta a tinta para fazer sentir, ... criar melhor o ambiente.

Esse autorretrato é de 1950 e esse outro é de 2007... 57 anos entre um e outro. Escolhi este ai, um pouco neoclássico, como homenagem a este museu que está repleto de lembranças, porque a minha primeira exposição individual foi feita aqui, no Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes, em 1950, época desse quadro. Naquele tempo, o Osvaldo Teixeira era o diretor e eu trabalhava na molduraria do Kaminagai , O diretor encomendava molduras e eu vinha entregar a moldura no seu gabinete, que me parecia imenso!

Para mim, esse bairro todo está muito cheio de lembranças daquele período, inclusive porque eu freqüentei muito o Teatro Municipal. Assisti a concertos memoráveis...sempre fui muito ligado à musica. Quando cheguei no Rio de Janeiro já tinha essa formação iniciada em São Paulo, de forma que não pude deixar de escutar música. E ia no teatro, lembro até hoje da Morte do Caixeiro Viajante com Jayme Costa, aqui na Cinelândia.... Mas também me diverti muito: dancei no carnaval , vestido de espanhola , já imaginou, nessa avenida mesmo! Tinha um palanque com o prefeito Mendes de Moraes, um senhor careca, que vendo a minha figura de espanhola exótica com olhos puxados levantou da sua cadeira e começou a lançar beijos para mim (risos). E depois do carnaval veio essa tristeza do da Copa do Mundo de 1950, porque provavelmente fui um dos primeiros, senão o único nipo-brasileiro a estar presente na derrota do Brasil frente ao Uruguai no Maracanã? Estava entre quase duzentas mil pessoas, todo o mundo estava em pé, e escuto ainda aquele silêncio após a derrota, o silêncio mais impressionante que eu registrei na minha vida...

E havia a pintura: quer dizer, durante a semana trabalhava no Kaminagai fazendo molduras, mas sábado e domingo ia pintar os arredores.



O dedo de Flavio-Shiró apontando o quadro Pablo (adivinha quem pode ser!), ca. 1980, foto em fish eye

Aliás algumas daquelas telas estão sendo expostas na minha retrospectiva que está sendo realizada em São Paulo atualmente.

Comecei a pintar em São Paulo, em 1942... e pintei muitas paisagens registrando como era o São Paulo pacato daquela época, quando ainda era uma cidade de 400 mil habitantes Foi assim que me iniciei à pintura... e o Paulo Herkenhoff acha que “decolei”, que a minha pintura levantou vôo naqueles 3 anos em que fiquei aqui, no Rio. E foi aqui, no Salão Nacional de 49, com Pancetti no júri, que tive um prêmio. Lembro que todos os pintores estavam esperando a abertura do portão para ouvir da boca do Pancetti quais foram os premiados. Daí a pouco o grande portão foi aberto, Pancetti saiu e disse: “Esse ano aqui não tem nem medalha de prata, nem de ouro, mas só de bronze”.

Esse bronze era a mim atribuído. Acontece que acabei não recebendo medalha nenhuma, porque era um caso inusitado na época: a noticia saiu no Diário Oficial, mas como não havia nem medalha de ouro nem de prata, acharam melhor de nem fazer a de bronze. Assim que o meu prêmio só ficou no papel, e nunca recebi a medalha.. Mas deu mais uma história ligada a esta casa.

Bem, depois dessa pequena introdução, acho que poderíamos ver o vídeo e deixar para...

Monica Xexéo: Você quer mostrar primeiro o vídeo? Ou você fala depois apresenta o vídeo?

Flavio-Shiró: É. Este vídeo que vocês vão ver foi realizado em Paris onde eu moro a metade do ano, sabe, 6 meses lá, 6 meses aqui... Faz anos que estou nesse vai e vem. E pensei que, na ocasião da minha retrospectiva, seria interessante fazer um pequeno vídeo. Uma cineasta francesa, nossa amiga, queria realiza-lo: só que ela queria transformar o meu ateliê num estúdio de cinema e eu não estava muito afim de trabalhar num ambiente assim. Então o meu amigo Celso Brandão, que também é cineasta, achou que eu devia criar, inventar e fazer eu mesmo. Acontece que sei um pouco como se faz cinema: faço muita fotografia, então já é um passo, não é, um passo da fotografia para o cinema.

O que vocês vão ver é uma experiência, inclusive no que toca a musica, pois a utilização duma música de Schubert ou Mozart é tão controlada que não dá pra colocar uma sem ter uma licença, com x controles e papeladas... de maneira que eu achei mais interessante eu fazer a música ao mesmo tempo que filmava ,...

#### Vídeo

Monica Xexéo: Maravilhoso Flavio! Eu acho realmente emocionante, talvez nem todos nós tenhamos percebido o privilégio de estarmos hoje aqui reunidos dividindo suas experiências, sua vida, com você. Não é todo mundo que tem esta oportunidade, Para nós é uma honra, é uma coisa única. Não é um livro, um catálogo que vai mostrar, a sua dimensão. Nem mesmo nós tendo esse contato, a fruição objeto com o espectador é totalmente diferente de ouvir falando, você falando e sentir você em casa, no seu ateliê, pelo visto você trabalha sozinho, não tem ajudante, numa agilidade – sem palavras. É realmente uma honra para todos nós. Podermos dividir toda essa sua experiência e poder trazer toda essa sua produtividade para a platéia. É um orgulho para todos nós! E, quando eu puder abrir para perguntas e respostas.

Público: Os artistas nipo-brasileiros e japoneses vêm dando uma grande contribuição à arte moderna brasileira, e à arte contemporânea também – é o seu caso, da Tomie Ohtake. A minha pergunta é um pouco, não é bem exatamente sobre o seu trabalho, mas é sobre... nós temos vários outros artistas, aqui mesmo na coleção do museu, artistas como Tadashi

Kaminagai, Yoshiya Takaoka, o Manabu Mabe. A minha pergunta é..como. infelizmente vários deles já faleceram. Eu gostaria...de saber quais são as suas lembranças, de alguns desses artistas, o Kaminagai, se o senhor conheceu o Takaoka – o Yoshiya Takaoka e o próprio Manabu Mabe?

Flavio-Shiró: Bom, como eu já disse, trabalhei na fábrica de molduras do Kaminagai. Assim, a pessoa que conheci bem foi Kaminagai, né? Mas ele não foi meu professor de pintura – coisa que muita gente acabou pensando. Não, não era nada disso: eu fui lá como operário, para trabalhar na confecção de molduras. Isso dito, a sabedoria dele é que ele gostava de ver a gente se desenvolver, deixava livre, achava que um certo auto-didatismo era um elemento essencial para a criação. Como ele era um homem de certa cultura, um cosmopolita que já tinha vivido em Paris, ele sabia que o interessante é deixar cada um desenvolver a sua maneira,





"A Marcha dos Pequenos Bichos", 1991, vértebras e

sabe? Ele olhava, mas sem dar conselhos.

Depois conheci o Takaoka, que era outro personagem – homem de esquerda, enquanto o Kaminagai não deixava transparecer suas opiniões políticas. O Takaoka era engajado na política de esquerda, e durante o período de guerra ele sofreu agressões porque estava pintando paisagens num lugar onde não deveria estar pintando – essas histórias, sabe?!

O Mabe eu conheci no começo, quando ele foi visitar Kaminagai, mas o encontrei poucas vezes. E conheci a Tomie Ohtake algumas semanas antes da minha viagem para a França, de maneira que eu não pude acompanhar seu começo, quando ela estava se iniciando na pintura com a chegada de um pintor japonês que se chamava Sugano.

P: Obrigado, era exatamente o que eu queria ouvir.

P: Oi! Eu queria te perguntar sobre o seu processo criativo, o que é uma pergunta um tanto incomoda para alguns artistas porque, enfim, é um processo descoberto na própria prática. Eu queria te perguntar por conta do seguinte: eu trabalhei na exposição da Tomie Ohtake, e tive contato com o Paulo Herkenhoff, curador da exposição. Na ocasião ele apresentou o trabalho da Tomie paralelo com outros artistas japoneses ou nipo-brasileiros né, e até apontando uma direção um tanto caligráfica, talvez, na pesquisa

pictórica da pintura desses pintores nipo-brasileiros. E enfim, essa é a leitura do Paulo Herkenhoff. Além do que, também, no vídeo da exposição da Tomie havia a própria Tomie falando que a sua pesquisa, falando que a sua relação com a pintura. Ela tinha uma relação muito prática, muito pouco de pensar; ela era muito mais de estudo de camadas de pintura – aplicações de camadas, tira camada, até encontrar o ponto em que a pintura, ela se encerra. Isso me chamou a atenção, na medida em que cada artista tem um processo com o seu trabalho. Eu queria te perguntar é se você se identifica com essa crítica, se não é senso comum achar: ah! Por conta de ser uma geração de pintores nipo-brasileiros encontrar uma marca caligráfica em relação a pintura japonesa, não seria uma leitura um pouco restrita, óbvia? E ainda, como é que é sua relação com o seu trabalho? No vídeo a gente vê que é uma coisa da pesquisa incessante. Não sei se foi o olhar, também, do cinegrafista nesse vídeo, tá. Mas uma música que parece dodecafônica e um espaço vazio e uma pesquisa de pinceladas, uma coisa frenética de uma descoberta com a pintura. Eu queria que você falasse um pouco sobre a sua relação com a sua pintura.

Flavio-Shiró: Tem muitas perguntas (risos). É evidente, não foi nessa velocidade que eu pinte! Foi na montagem que achei interessante acelerar, para combinar melhor, harmonizar melhor com a música que você diz que é dodecafônica. Pode ser; eu adoro música dodecafônica, pode ser que seja isso. Mas, por isso, é que em outras pinturas de certo período – da década de 70, por exemplo, tem camadas sucessivas, sabe, uma camada atrás da outra, enquanto que na década de 60 foi uma pintura direta, sem nenhum retoque a posteriori, foi uma pintura extremamente espontânea, diremos. Ou seja, naquele instante não podia ter hesitação, era questão de vida ou morte de tanta intensidade mental e física... era um risco. Alguns quadros desta época estão no Museu de Arte Contemporânea de Niterói.

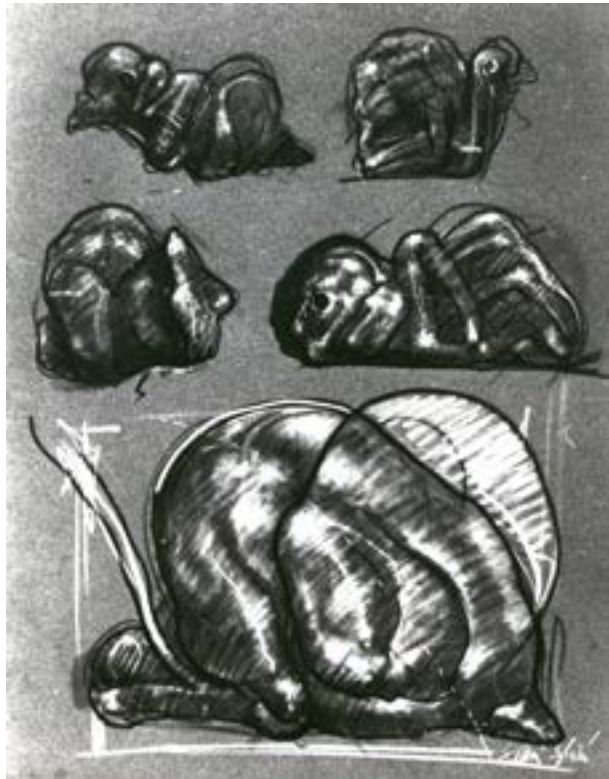
Se realmente houve combate entre eu e a superfície da tela neste período, na década de 70 eu mudei de técnica, quer dizer: ao invés de óleo, abordei uma técnica mista. Tinha tempera, tinha pastel, fusain... então a execução era mais complexa, tanto mais que as camadas eram finas, e os quadros levavam muitas camadas. O que caracteriza esta fase é que o desenho faz corpo com a rugosidade da tela. Eu chagava a deitar sobre o linho para obter a matéria desejada no dia seguinte... Então: a elaboração do quadro já começava na preparação de base. Diria que, no espaço dos quadros desta época, há algo como banhado de poesia, enquanto a pintura da década 60 é veemente... Não sei se respondi?

P: Respondeu. Muito obrigado!



P: Eu vou voltar a mais uma questão do processo criativo. Eu fiquei curiosa também para saber um pouco do início. Você parte de alguma pesquisa formal... a partir de um esqueleto, como aparece no vídeo, de alguma coisa da realidade ou alguma cor, um traço e também da escolha do formato como é que tem esse início?

Flavio-Shiró: É interessante essa pergunta porque eu estou sempre muito interessado em observar a natureza. Na exposição que está sendo realizada em São Paulo, pela primeira vez mostro alguns pequenos objetos escultóricos, parcialmente provenientes da natureza, como cabeça de peixe. Sabe, quando compro peixe, nunca peço para preparar. Limpo ele em casa. E encontro alguns peixes de formas tão extraordinárias que só a natureza sabe inventar. Ao lado dela, o homem é artista bastante pobre. A natureza inventa formas tão excepcionais que eu as guardo, faço secar no sol e deixo assim, até que um dia a físcia pega, acende e aí concebo uma escultura, integrando essa forma dentro de uma argamassa, e acaba nascendo uma escultura... Como poderia batizar isso? Orgânica? A palavra está muito na moda agora: tudo é "orgânico"... Então espinhas, cabeças,



"Formas e anatomias diversas", 1975, pastel sobre camurçado

ossos e junções são coisas que me inspiram. Porque realmente tem que ter uma fonte que abasteça a sensibilidade do artista. Não posso ficar somente no formal. O sinto assim. Então a minha ligação com a natureza é profunda, na medida que, de certa maneira, fui formado por ela durante a minha infância no Pará. Provavelmente foi lá que o meu interesse pela natureza nasceu. Porque você já imaginou? Nascer no lugar mais frio do Japão e, com quatro anos, se enxertar lá na Bacia Amazônica! O choque é violento; quer dizer, registrei esse choque de cultura e do clima não é?! E não pude ficar indiferente a natureza, às metamorfoses das taturanas, aos bichos... até tive um brinquedo favorito que era um pequeno jacaré, pequeno desse tamanho, que criei. Mas um dia choveu muito e o bicho escapou, foi embora, foi para o rio. As cobras com suas extraordinárias decorações me fascinavam... e esta vivência toda possivelmente influenciou a minha pintura, porque ela não é tipicamente da dita "escola" entre aspas, da escola japonesa-abstração, que outros pintores de origem nipo-brasileira produziram e produzem hoje.

Ela tem uma característica diferente. E quando fiz uma retrospectiva no Japão, um crítico notou no jornal que, justamente, o interesse dela era está, diremos, na integração da vivência dum súdito japonês que veio para o Brasil e que está trazendo uma arte diferente, inusitada, que leva, nos traços do desenho, o atavismo da sua origem...

Monica Xexéo: Shiró gostaria que você falasse um pouquinho da transformação, dos métodos. Olhando essa suas duas peças ali expostas... Você tem um retrato e uma outra pintura mais leve, sem esses empastes. Como é que você chega e passa para essa pintura mais densa, com esses empastes, isso ocorreu naturalmente ou foi a partir de uma pesquisa que você chegou a essa transformação na sua maneira de pintar?

Flavio-Shiró: Esse é o mistério da criação, não é?! É difícil explicar... Antonio Candido disse que o racionalismo mata a intuição. E quando ouvi, me disse: Ah! Não sou o único a pensar que nesta época, onde a tecnologia prevalece, esta abafa a intuição!

Falando de intuição ou premonição: acontece que, em Paris, moro cercado de muros, assim provavelmente minhas antenas estão ligadas na atmosfera, sei lá... Houve certos casos bem estranhos. Assim, no mesmo instante que estava acontecendo o Tsunami que matou tanta gente, eu estava pintando um quadro com grandes ondas, grandes ondas, gigantescas ondas... e num quadro pequeno, coisa que não fazia há décadas, décadas - pois pintei mar quando morei no Rio de Janeiro, mas em Paris? Pintar o mar?! Por que é que, de repente, pintei o mar? E algumas horas mais tarde,

ao olhar a televisão, vi a tragédia.... Então acho que é a intuição que define obra de arte, essa palavra tão difícil... Você sabe definir o que é arte?

Monica Xexéo: É muito difícil!!

Flavio-Shiró: E o é justamente porque não podemos defini-la em palavras...

Monica Xexéo: E seus desenhos para a pintura, você parte direto para a tela ou você realiza – completando a pergunta da estudante da platéia - um croquis, apontamentos, estudos?

Flavio-Shiró: Pergunta interessante porque, até hoje, so fiz um quadro em que experimentei fixar as etapas da sua evolução. Nunca faço maquetes, mas daquela vez fiz um pequeno esboço, pus um automatismo no aparelho fotográfico para que ele disparasse a cada cinco minutos, e fui pintar, despreocupado com o registro... e quando acabei o quadro revelei o filme que mostrou toda a seqüência evolutiva daquele quadro.

Foi a única experiência que eu fiz nesse sentido. Mas, em geral, mergulho no trabalho como um espírito de aventura.

Monica Xexéo: Flávio, e esse filme você fez no seu ateliê no Brasil, no seu ateliê na França? Aqui no Rio é na Glória, quer dizer, sua residência e seu ateliê, e em Paris?

Flavio-Shiró: Em Paris moro no centro histórico de Paris, no Marais. Não sei se você conhece?

Monica Xexéo: Maravilhoso!

Flavio-Shiró: Aliás, vocês viram o porão da casa, onde estou tocando o tambor - não muito bem - mas naquele dia estava preocupado com a filmagem... E na época em que este porão fora construído, provavelmente o Brasil nem tinha sido descoberto !



Flavio-Shiró esculpindo manequim para peça de Sêneca Thyestes, Paris, 1980 (foto: Beatrice Tanaka)

Monica Xexéo: Tudo foi filmado em Paris...

Flavio-Shiró Tudo foi filmado em Paris; é a montagem que foi feita aqui.

P: Shiró esse seu lado eu não conhecia, porque a filmagem foi você quem fez também né, e eu vejo que você se interessa também por fotografia. É só uma questão sua na vida pessoal ou também está fazendo um trabalho com essas fotos? É uma pesquisa que você está fazendo?

Flavio-Shiró: É uma boa pergunta porque, nesta retrospectiva, pela primeira vez, estou expondo uma serie de fotografias. Ao vê-las o Paulo Herkenhoff ficou entusiasmado pela diversidade de “pesquisa” delas, e criamos toda uma ala de fotos: só de Maio 68 à 36! Eu me encontrava em Paris naquela época, e fui provavelmente o que fotografou a primeira faísca que desencadeou aquele evento. Para mim, é sobretudo uma fotografia que caracteriza este acontecimento: a de um homem que estava brandindo uma barra de ferro de sei lá, 10, 15kg, e que a soltou de repente, quando uma bomba de gás lacrimogêneo estourou na costas dele... e a magia da fotografia conseguiu parar aquela barra, horizontal, no ar... Você já imaginou aquela barra parada para sempre, fixa no ar?

Mostro também algumas experiências, “alquimias”: por exemplo, imagens feitas sem uso de aparelho, ou varias experiências gráficas... Porque

fazer sempre gravura tradicional, no metal ou na madeira? Que o diga Dora Basílio, que está aqui presente! Afinal, fotografia é fazer gravura com a luz. Então às vezes imprimia a imagem contrastada para sair bem escura, depois gravava o negativo direto, e depois fazia cópia, quer dizer, gravura. Uso a palavra “gravura” porque gravei o negativo... e as cópias foram feitas com luz.



Flavio-Shiró em Paris, década de 90 (foto: Bel Pedrosa)

É esse tipo de coisa que chamo experiência. E é isto que o pequeno vídeo que lhes mostrei é para mim... este vídeo feito justamente porque meu amigo cineasta Celso Brandão me disse: “Faça a experiência ,.. você sabe fazer!”

“ Ele conhece o meu lado polivalente , de mexer em tudo, né?! Então achei que, em vez de fazer um filme clássico, você tem que botar a imaginação a trabalhar. E ai eu fiz loucuras, sabe?! Tem uma cena lá em que eu amarrei a câmera na minha barriga. Nenhum cineasta poderia chegar tão perto com a câmera... Só faltou eu engolir a câmera né?! Então eu experimentei. Você acha que esse lado transparece um pouco? Por exemplo, na cena final em que escorre aquela espécie de riacho trepidante que não escorre até o fim mas estagna, para. Ele é trepidante porque botei um funil num ventilador que deu aquela trepidação no liquido...

Gosto de experiências porque penso que se especializar empobrece. Sobretudo se você tem uma carreira comprida, você tem que alimenta-la, inovar, continuar levando a coisa pra frente; sempre tenho que estar me interessando por algo... Exceto para a tecnologia do computador!

Monica Xexéo: Alguém tem mais alguma pergunta?

Gostaria de agradecer a todos os presentes. Vamos aqui para perto dos quadros que o Flávio vai falar um pouco mais. Gostaria de registrar a presença da nossa querida gravadora Dorinha Basilio, do gravador Rossini Perez e gravadora Rizza Conde..... sempre nos apoiando. Obrigado a todos, e vamos conversar mais um pouquinho perto das obras de Shiró.

Flavio-Shiró: Bom, esse quadro, como disse, é da década de 50. O escolhi por causa da sua fatura um pouco clássica, para harmonizar com o Museu de Belas Artes. E esse outro é de faz um ano ou dois, sei lá, porque ele tem duas datas 06 e 07, quer dizer que eu devo ter re-trabalhado nele. Esse lado quase fantomático pode ser minha imagem, sabe, já fantomática... mas ainda é otimista. Tem o dedinho para cima... (risos)

O colorido da tela mais antiga continua perfeito porque meu pai, que era pintor amador, me aconselhou de sempre usar as melhores tintas. Alias, nessa exposição em São Paulo, ha uma vitrine com pinturas de vários membros da minha família, porque além de meu pai fazer pintura de excelente qualidade, a minha mãe fazia pintura japonesa, sumiê...

E meu pai falava assim porque sabia que, apesar de eu ser operário desde meus 14 anos, não devia comprar tintas Águia, pois não eram de boa qualidade. Então, com o magro salário que eu ganhava, eu comprava tintas inglesas, lembro ainda que eram da Winsor & Newton.

Este quadro ai foi restaurado pelo Cláudio Valério, o filho do Oswaldo Teixeira...



Flavio Shiró no MNBA, 2008

Neste quadro que estamos vendo há pinceladas apoiadas e outras leves, como na musica há fortíssimo e pianissimo. Eu vejo a pintura de um ponto de vista rítmico. É por isso que gosto de amalgamar pintura e musica. Não sei se Van Gogh gostava de musica, mas o que evoca mais a musica do que os céus da sua pintura?

P: Você costuma pintar ouvindo música ou você gosta de musica e na hora de pintar atrapalha?

Flavio-Shiró: Acontece que muitas vezes eu trabalhar com música; mas depende muito da qualidade da música, porque tem certa musica que não é música, é barulho, coisa desagradável ...

Bem, eu trouxe esses pequenos quadros porque são o que me parecia convir melhor para esta nosso encontro, pois geralmente faço t quadros grandes. Mas eu vou dizer uma coisa: na década de 60 - não sei se Dora lembra - quando tive uma exposição individual na Petite Galerie, eu trouxe quadros inusitadamente grandes para época, de 2 metros... e o pessoal dizia: “O Shiró, onde é que o colecionador vai botar seu quadro?” porque naquela época, sabe, o colecionador comprava quadros pequenos porque todos pintavam pequenos formatos.

Monica Xexéo: Por causa dos apartamentos.

Flavio-Shiró: É... e hoje em dia os pintores jovens fazem cada quadro enorme, um maior que o outros, e acabam não sabendo pintar pequenos quadros.

Flavio-Shiró: Pois é. Numa bienal tinham o convidado Paul Klee... Mas a obra de Klee é idelicada, é musica de camara, não pode harmonizar com aquele clima de feira, aquele negocio, aquele empurra-empurra. Então Paul Klee estava perdido, coitado, estava perdido...

Monica Xexéo: Qual é a proposta e pra onde vão?

Flavio-Shiró: Fizem um museu Paul Klee agora, lá na Suíça; mas, ao meu ver, o arquiteto fez coisas gigantescas, grandes demais. Eu gostava mais daquele velho museu que estava em Berna, um museu mais intimo onde você podia andar e olhar devagarzinho, sabe?! Hoje em dia, muitos arquitetos não respeitam a função do Museu: o que vale é a sua assinatura, o seu estilo... eles esquecem que a função dum museu é como a função duma moldura: pôr as obras em valor.

Monica Xexéo: Acolher o visitante pra criar essa fruição da arte. Existe uma concorrência entre arquiteto e obra de arte. As vezes esquecem da função do museu, qual o seu papel?

Flavio-Shiró: O Guggenheim Bilbao do Frank Gehry é mais escultura, é uma forma escultórica em si, já é uma obra de arte. O Centre Pompidou, que fica a 100 metros da casa, é um problema mesmo do ponto de vista da preservação da própria arquitetura. Em menos de 30 anos de existência a sua cobertura, de aço recoberto de plástico, já foi trocada: como é exposto à poluição, este revestimento não dura muito tempo e começa a cair... às vezes até acho pedaços no meu jardim, e digo: "Ah, se fosse um pedaço de Matisse que caísse aqui..."

Monica Xexéo: Alguém quer falar mais alguma coisa, mais alguma perguntar? Flávio foi um grande prazer para todos nós, aqui presente alunos, estudantes, museólogos, historiadores, restauradores e artistas plásticos. Todos nós tivemos uma aula assim sem palavras?! O nosso muito obrigado Flavio. A, ele quer falar mais uma coisinha.

Flavio-Shiró: Duas coisinhas que eu queria mostrar aqui. A primeira é um texto do catalogo da minha primeira individual, realizada aqui em 1950 (Lê)



Monica Xexéo e Flavio Shiró no MNBA durante o evento, 2008

"Já nos chamaram a atenção seus trabalhos no Salão Nacional de 49. Nessa época o jovem pintor estava mais preocupado com a refulgencia das cores e a beleza da matéria pictórica. Essa fase foi superada. Agora o seu colorido aparentemente é menos intenso e a matéria é menos rica ,Outros problemas solicitavam sua atenção, notando-se o interesse com o que passou estudar mais de perto a composição de seus quadros, se atendo nas figuras como nas paisagens e marinha. Embora permanecendo figurativo não hesitou Tanaka em chegar quase a soluções abstratas como se pode notar em alguns dos oleos aqui apresentados, notadamente os números 6 e 8..." Assinado: Antonio Bento. Datado: 15 de junho 1950.

Monica Xexéo: E essa observação e essa análise do Antonio Bento nós podemos sentir aqui dentro. Ele fala dessa questão figurativa e você passando já na abstração, aqui essas duas obras e a gente pode perceber.

Flavio-Shiró: É. Já tem uma intenção para a abstração naquele quadro que ele cita, e que foi o primeiro quadro que vendi numa exposição. E sabe quem comprou ? Um pintor holandês que morava no Rio... "Para encorajar esse menino", disse ele... E agora este quadro está exposto na

## FLAVIO-SHIRÓ, Shiro Tanaka, dito Sapporo, Japão 1928-

Pintor, gravador, desenhista e cenógrafo. Nascido na cidade de Sapporo, Hokkaido (Japão), emigra com a família para o Brasil em 1932, adotando o nome de Flavio. Residiu, inicialmente, em Tomé-Açu, no Pará e, em 1939, mudou-se para a cidade de São Paulo-SP. No início dos anos 40, começa a freqüentar as sessões de modelo vivo do Grupo Santa Helena, pintando e desenhando os arredores da cidade de São Paulo. Entrou em contato com artistas integrantes do grupo como Alfredo Volpi, Francisco Rebolo, Mário Zanini e Manoel Martins. No ano de 1953, obtém bolsa de estudo, por um ano, para a cidade de Paris. Estudou mosaico com Gino Severini, gravura em metal com Johnny Friedlaender e litografia na Escola Superior de Belas Artes. Decidiu permanecer naquela cidade até 1983, quando retornou ao Brasil, para a cidade do Rio de Janeiro, dividindo seu tempo, a partir daí, entre as duas cidades. Em 1998/99, recebeu o “Prêmio da Mostra Internacional Itinerante Japão-Brasil”, exposição coletiva que percorreu 5 cidades brasileiras: Ipatinga-MG (Centro Cultural Usiminas), Belo Horizonte-MG (Palácio das Artes), Brasília-DF (Palácio do Itamaraty, Min. das Relações Exteriores), São Paulo-SP (Museu de Arte Assis Chateaubriand) e Rio de Janeiro (Museu de Arte Moderna).

### Cronologia

- 1928 Nasce em Sapporo, Japão.
- 1949 55° Salão Nacional de Belas Artes – medalha de bronze, Rio de Janeiro.
- 1950 Primeira individual, na Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.
- 1951 1° Salão Paulista de Arte Moderna, São Paulo.
- 1951 1ª Bienal Internacional de São Paulo, no MAM/SP.
- 1952 2° Salão Paulista de Arte Moderna – prêmio aquisição, São Paulo.
- 1952 Exposição de Artistas Brasileiros, no MAM/RJ.
- 1952 1° Salão Sebikai – medalha de ouro, São Paulo.
- 1952 1° Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro.
- 1956 Les Arts en France et dans le Monde, no Musée d'Art Moderne, Paris (França).
- 1957 4ª Bienal Internacional de São Paulo, no MAM/SP.
- 1957 Stedelijk Museum, Amsterdã e Scheidam (Holanda).
- 1957 Festival d'Art d'Avant-Garde, Nantes (França).
- 1957 Salon Comparaisons, no Musée d'Art Moderne, Paris (França).
- 1957 Réalités Nouvelles, no Musée d'Art Moderne, Paris (França).
- 1958 Salon Comparaisons, no Musée d'Art Moderne, Paris (França).
- 1958 Réalités Nouvelles, no Musée d'Art Moderne, Paris (França).
- 1959 Individual, no MAM/RJ.
- 1959 8° Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro.
- 1959 5ª Bienal Internacional de São Paulo, no MAM/SP.
- 1959 Antagonismes, no Musée des Arts Decoratifs, Paris (França).
- 1959/60 1ª Exposição Coletiva de Artistas Brasileiros na Europa, Leverkusen/Munique/Viena/ Hamburgo/Lisboa/Madri/Paris/Utrecht.
- 1960 Guggenheim International Nova York (Estados Unidos).

- 1960 Individual, no MAM/BA.
- 1961 Réalités Nouvelles, no Musée d'Art Moderne, Paris (França).
- 1961 2ª Bienal de Paris – prêmio aquisição Cidade de Paris – prêmio internacional de pintura.
- 1961 6ª Bienal Internacional de São Paulo, no MAM/SP.
- 1961/1962 Arte Latino-Americana em Paris, no Musée d'Art Moderne.
- 1963 Individual, na Faap, São Paulo.
- 1963 7ª Bienal Internacional de São Paulo, na Fundação Bienal.
- 1963 Salão de Belas Artes da Cidade de Belo Horizonte – 1º prêmio.
- 1964 Salon Comparaisons, no Musée d'Art Moderne, Paris (França).
- 1965 Individual, no MAM/RJ.
- 1965 8ª Bienal Internacional de São Paulo, na Fundação Bienal.
- 1965 Pintores Nipo-Brasileiros de Hoje, na Embaixada do Brasil, Tóquio (Japão).
- 1965 Oito Laureados da Bienal de Paris, na Galeria Françoise Ledoux, Paris, França.
- 1965 8ª Bienal Internacional de São Paulo, na Fundação Bienal, São Paulo.
- 1966 Pinturas da América Latina, na Casa de las Américas, Havana (Cuba).
- 1966 Salon Comparaisons, no Musée d'Art Moderne, Paris (França).
- 1967 Réalités Nouvelles, no Musée d'Art Moderne, Paris (França).
- 1967 9ª Bienal Internacional de São Paulo, na Fundação Bienal.
- 1968 Bienal de Córdoba (Argentina).
- 1969 Art Latin-American I – Escandinávia, Noruega, Suécia e Dinamarca.
- 1970 Artistas Latino-Americanos de Paris, na Sala Gaudí, Barcelona (Espanha).
- 1970 Vision 24, no Instituto Ítalo-Latino-Americano de Roma.
- 1970 Bertrand Russel Centenary International Art Exhibition, Londres (Inglaterra).
- 1970 117 Dessins et Gravures de Peintres Latino-Américains, Poitiers (França).
- 1972 Jovem Arte Contemporânea, no MAC/USP.
- 1973 Neue Darmstadter Sezession, Darmstadt (Alemanha).
- 1974 Salon de Mai, no Musée d'Art Moderne, Paris (França).
- 1974 Festival Internacional de Pintura, prêmio nacional de pintura, Cagnes-Sur-Mer (França).
- 1975 Individual, no Brazilian-American Cultural Institute, Washington (Estados Unidos).
- 1978 Les Huns, no Centre National d'Art Contemporain, Paris (França).
- 1978 Bienal de Menton (França).
- 1978 Jeune Peinture, no Grand Palais, Paris (França).
- 1978 Três Gerações de Artistas Nipo-brasileiros, Galeria Arte Global/SP.
- 1978 Retrospectiva 19 Pintores, no MAM/SP.
- 1981 Exposição Latino-Americana de Arte Contemporânea Brasil/Japão, no National Museum of Art, Osaka (Japão).
- 1982 Artistas Latino-Americanos, no Museu de Arte Moderna, Veneza (Itália).
- 1982 L'Amérique Latine à Paris, no Grand Palais, Paris (França).
- 1982 Entre a Mancha e a Figura, no MAM/RJ.
- 1983 Individual, na Espace Latino-Américain, Paris (França).
- 1983 Projeto Releitura, na Pinacoteca do Estado/SP.
- 1984 1ª Bienal de Havana, no Museu Nacional de Bellas Artes (Cuba).
- 1984 Tradição e Ruptura: síntese de arte e cultura brasileiras, na Fundação Bienal/

## SP

- 1984 Coleção Gilberto Chateaubriand: retrato e auto-retrato da arte brasileira, no MAM/SP.
- 1984 Pintura Brasileira Atual, no Espaço Petrobrás/RJ.
- 1984 Salon Comparaisons, no Musée d'Art Moderne, Paris (França).
- 1985 Artistas Latino-Americanos de Paris, no MAC/USP.
- 1985 Artistas Japoneses na Coleção do MAC, no MAC/USP.
- 1985 18ª Bienal Internacional de São Paulo, na Fundação Bienal, São Paulo.
- 1986 1ª Mostra Christian Dior de Arte Contemporânea, no Paço Imperial, 2º Prêmio, RJ.
- 1986 Tempos de Guerra: Pensão Mauá e Hotel Internacional, Banerj/RJ.
- 1986 17º Panorama de Arte Atual Brasileira, no MAM/SP.
- 1987 Ao Colecionador: Homenagem a Gilberto Chateaubriand, no MAM/RJ.
- 1987/1988 Modernidade: arte brasileira do século XX, no Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris e no MAM/SP Paris (França) e São Paulo.
- 1988 Vida e Arte dos Japoneses no Brasil, no MASP, São Paulo.
- 1988 Herança do Japão: Aspectos das Artes Visuais Nipo-brasileira, em Belém, Brasília, Curitiba, Manaus, Porto Alegre, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro.
- 1989 20º Panorama de Arte Atual Brasileira, no MAM/SP – premiado.
- 1989 Rio Hoje, no MAM/RJ.
- 1989 Jogo de Memória, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.
- 1989 20ª Bienal Internacional de São Paulo, na Fundação Bienal – Prêmio Itamaraty.
- 1990 9ª Exposição Brasil-Japão de Arte Contemporânea, Brasília, São Paulo, Tóquio, Atami e Sapporo (Japão).
- 1990 Façades Imaginaires, Grenoble (França).
- 1992 Eco-Art, no MAM/RJ e itinerância – premiado.
- 1993 Brasil, 100 Anos de Arte Moderna, no MNBA/RJ.
- 1993 Obras para Ilustração do Suplemento Literário: 1956-1967, no MAM/SP.
- 1993/1994 Trajetória: 50 anos de pintura de Flavio-Shiró, no Hara Museum of Contemporary Art, Tóquio, no MAM/RJ e no MASP – prêmio retrospectiva.
- 1993/1994 O Desenho Moderno Brasileiro: Coleção Gilberto Chateaubriand, no Sesi/SP e no MAM/RJ.
- 1994 A Espessura do Signo : Desenho Brasileiro Contemporâneo, no Karmelitenkloster, Frankfurt (Alemanha).
- 1994 Bienal Brasil Século XX, na Fundação Bienal, São Paulo.
- 1996 O Grito, no MNBA/RJ.
- 1996 Arte Brasileira: 50 anos de história no acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo 1920-1970, no MAC/USP.
- 1997 Phases: surrealismo e contemporaneidade, Grupo Austral e Cone Sul, no MAC/USP.
- 1998 O Moderno e o Contemporâneo na Arte Brasileira: Coleção Gilberto Chateaubriand – MAM/RJ, no MASP, São Paulo.
- 1998 Flávio-Shiró na Coleção João Sattamini e Obras Recentes, no MAC/Niterói.
- 1998/1999 Mostra Internacional Intinerante Japão-Brasil, em Belo Horizonte, Ipatinga, Brasília e São Paulo.

- 1999 Into the Light, na Royal Academy of Photography, Bath (Inglaterra).
- 1999 Arte Latino-Americana, na Unesco Paris, (França).
- 1999 Feira Internacional de Arte Contemporânea FIAC Paris, (França).
- 2000 Brasil + 500 Mostra do Redescobrimento, na Fundação Bienal, São Paulo.
- 2000 Obra Nova, MAC/USP, São Paulo.
- 2000 Diálogo: arte contemporânea Brasil/Equador, no Memorial da América Latina, Galeria Marta Traba, São Paulo e no Centro Cultural Puce, Quito (Equador).
- 2001 A Imagem do Som de Antônio Carlos Jobim, no Paço Imperial, Rio de Janeiro.
- 2002 Diálogo, Antagonismo e Replicação na Coleção Sattamini, no MAC/Niterói, Niterói
- 2002 Arte Brasileira na Coleção Fadel: da inquietação do moderno à autonomia da linguagem, no CCBB, Rio de Janeiro, no CCBB, São Paulo e no CCBB, Brasília
- 2002 Caminhos do Contemporâneo 1952-2002, no Paço Imperial, Rio de Janeiro.
- 2002 Mapa do Agora: arte brasileira recente na Coleção João Sattamini do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo.
- 2003 Arte Brasileira: da Revolução de 30 ao pós-guerra, no Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro.
- 2003 Autonomia do Desenho, no Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro.
- 2003 Arte e Sociedade: uma relação polêmica, no Itaú Cultural, São Paulo.

## Museu Nacional de Belas Artes

Diretora Monica Figueiredo Braunschweiger Xexéo	Pedro Martins Caldas Xexéo (curador) Leonardo Carvalho Bertolossi
Gabinete da Direção Sheila Salewski (chefe) Amândio Miguel dos Santos Júlia Turano (cerimonial) Reginaldo Tobias de Oliveira Zuzana Paternostro José Antonio Patané Filho (apoio) Jovelino Roque Filho (apoio) Lusia Soares (apoio) Robson Simões de Carvalho (apoio) Celeste Campos Janayna Oliveira Braga	Seção de Arte Decorativa Anaildo Bernardo Baraçal (curador) Amauri Rodrigues Dias  Simba Valter Gilson Gemente Prisciline Altoé da Silva Patrícia Bezerra Leite  Registro Cirlei Gonçalves da Rocha Vianna (chefe) Vicente Oliveira do Carmo Cláudia Moreira Pinheiro Carvalho Priscilla Arigoni Coelho
Assessoria de Imprensa Nelson Moreira Junior (chefe) Fernanda de Moraes do Nascimento (assistente) Fábio Dias do Amaral Cardoso (estagiário)	Biblioteca e Mediateca Manuel de Araújo Porto Alegre e Arquivo Histórico Mary Komatsu Shinkado (chefe) Vicência Lima Mendes Polyana Suassuna Sales Márcia Loureiro Pires Rebelo Jadir Pinheiro de Souza (apoio) Maria Nilda Moraes Costa Maria da Rocha Miranda Ângela Cirene Teles do Carmo Verônica de Sá Ferreira (estagiária) Elizabeth de Mello Leitão de Oliveira Thiago Roberto Leal Basílio
Divisão Técnica Laura Maria Neves de Abreu (chefe) Jane Lúcia Vieira Ritter Bárbara de Mello Sarmento Altair Raimundo Dantas (apoio)	Coordenação de Comunicação Andréa Martha Antunes Maciel Pedreira (chefe) Edemilson Barbosa (apoio)
Seção de Pintura Brasileira Pedro Martins Caldas Xexéo (curador) Cláudia Regina Alves da Rocha Mayra Brauer Morgado	Comunicação Visual Lula Perez
Seção de Pintura Estrangeira Yara de Moura (curador) Adriana Mattos Clen Macedo Carlos Henrique Gomes da Silva	Educação Rossano Antenuzzi de Almeida (chefe) José Rodrigues Neto Claudia Machado Ribeiro Katia Angeloff de Mattos Adriana Clementino de Medeiros Felipe Pires de Oliveira Bernardo Arraes Gonzalez Cruz Dandara Renault Macedo (estagiária)
Gabinete de Gravura Laura Maria Neves de Abreu (curador) Amanda Cordova F. Gomes Eliane Vilela Antunes Marisa Rodrigues	
Seção de Desenho	

Áudio e Vídeo  
Jorgival Freire  
Sérgio Luiz Souza de Alcântara

Exposições Temporárias  
Cinda Lúcia M. Nascimento de Alcântara  
Henrique Guilherme Guimarães Viana

Coordenação de Conservação e Restauração  
Nancy de Castro Nunes (chefe)  
Flavio Martins da Silva Vasconcellos

Reserva Técnica  
Nilsélia Maria Monteiro Campos Diogo (chefe)  
Alessander Batista de Souza  
Jefferson Pereira Nepomuceno  
Vinicius Avelino Mendes dos Santos  
Cleide Maria da Conceição Martins

Restauração Pintura  
Eli Amaral Muniz (chefe)  
Larissa Long  
Geisa Alchorne de Souza  
Valéria de Azevedo Moreira Rivera

Restauração Papel  
Nancy de Castro Nunes (chefe)  
Valéria Garcia Sellanes

Restauração Escultura  
Eli Amaral Muniz (chefe)  
Benvinda de Jesus Ribeiro  
Adilson da Silva

Divisão Administrativa  
Cláudia Lúcia de Souza Moura Santos (chefe)

Financeiro  
Mário Luiz Degle Espote  
Delacy de Mello

Recursos Humanos  
Cláudia Regina Pessino

Almoxarifado / Patrimônio  
João Carlos Campello Esteves  
Waldir Luiz Lane

Apoio administrativo  
Ana Carolina Gomes Marvila  
Carlos Henrique da Costa Correa

Charles André de Oliveira Rangel  
Demétrius G. S. P. Soares  
Fátima Martingil Loroza  
Lúcio Roberto Mello Machado  
Luis Carlos Alves Bezerra  
Luiz Silva de Mendonça  
Mário Luis Pinto Rodrigues  
Paulo Roberto da Silva Gomes  
Sheila Maria Souza da Silva

Apoio Operacional  
João Rodrigues  
João Batista Silva  
Bruno da Silva Fernandes  
Luis Carlos Gonçalves dos Santos  
Carlos Augusto Lourenço

Segurança Interna  
Hindheburgo Alves da Silva (chefe)  
Janilson dos Santos Vieira  
Evandro Mandu da Silva  
Ilmar de Barros Albuquerque  
Juvenal da Costa Valadares  
Wagner Vasques

Serviços Contratados  
Transegur Vigilância e Segurança LTDA –  
Segurança  
UNIRIO Manutenção e Serviços LTDA –  
Limpeza  
Arquitetura e Manutenção Predial:  
Amanda Antunes (arquiteta)  
Cristiane Gonçalves (arquiteta)  
Karina Pimentel (arquiteta)  
Marcelo Aranguren (engenharia)  
Tatiane Alves (apoio)  
Camille Azevedo Brêtas (estagiária)

Conselho Consultivo do MNBA  
Andréa Martha Antunes Maciel Pedreira  
Cláudia Lúcia de Souza Moura Santos  
Laura Maria Neves de Abreu  
Nancy de Castro Nunes  
Nelson Moreira Jr.  
Pedro Martins Caldas Xexéo  
Rossano Antenuzzi  
Sheila Salewski

Associação de Amigos – Pró-Belas Artes  
Carlos Roberto Vieira – Presidente



MINISTÉRIO DA CULTURA  
SECRETARIA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E MONUMENTAL  
DEPARTAMENTO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS  
MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES



Ministério  
da Cultura

